Delirar, escrever e publicar
Notas sobre a produção psicótica escrita

Deluding, writing and publishing
Notes on the writing in psychosis

Guilherme Gutman[1]

Resumo: Importância do delírio na psicose. Trajetória da função do delírio na obra de Freud. Ênfase sobre o "caso Schreber". Escrita e publicação como funções correlatas, mas, ao mesmo tempo, distintas em suas funções.
Palavras-chave: Delírio, psicose, Freud, Lacan, escrita.

Abstract: *Delusion's relevance in psychosis. Course of delusion's concept in Freud's work. Emphasis on the "Schreber's case". Writing and publish as relevant phenomena in psychosis, but at the same time, dissimilar in their significance.*
Keywords: *delusion, psychosis, Freud, Lacan, writing.*

1. Doutor em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social - UERJ. Médico Psiquiatra e Psicanalista. Professor do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

São conhecidas as colocações teóricas de Freud sobre a função do delírio na psicose. Elas estão de modo definitivo na terceira seção de *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente* (1911) intitulada "Sobre o mecanismo paranóico". Ali estão presentes alguns trechos, lidos e relidos por todos aqueles interessados pelo estudo psicanalítico das psicoses, que são pontos de partida obrigatórios para qualquer reflexão posterior a Freud sobre o tema. Nesta seção do, assim conhecido "caso Schreber", lê-se:

> O paranóico o reconstrói [ao mundo]; claro que não tão esplêndido [quanto antes de seu sepultamento], mas ao menos de modo que possa voltar a viver nele. O edifica novamente, através do trabalho de seu delírio. O *que nós consideramos a produção patológica – a formação delirante – é na realidade o intuito de restabelecimento, a reconstrução* (...). (Se) há recuperado um vínculo com as pessoas e com as coisas do mundo, um vínculo freqüentemente muito intenso, ainda que um vínculo antes terno possa vir a tornar-se hostil. Diremos, então: o processo da repressão propriamente dita consiste em uma retirada da libido de pessoas e coisas antes amadas. Acontece silenciosamente; não o notamos, precisamos inferi-lo de processos subseqüentes. O que se faz notar de forma ruidosa é o processo de restabelecimento, que desfaz a repressão e reconduz a libido às pessoas por ela abandonadas (Freud, 1911, pp.65-6).

Há no trecho acima, duas idéias fundamentais.

A primeira é a de que o evento psicótico propriamente dito, isto é, o surto ou o desencadeamento da crise, corresponde do ponto de vista da economia libidinal, a uma "retirada da libido dos objetos antes investidos". Além disso, trata-se de um processo silencioso sendo notado apenas pela estranheza afetiva que habitualmente o acompanha, ou, mais dramaticamente, pelas reações que se seguem a ele.

A segunda idéia fundamental é a de que, por um lado, as manifestações psicopatológicas mais ruidosas – como delírios e alucinações – não são primárias, mas posteriores a um evento primeiro. Seguindo essa idéia, se economicamente este evento primário corresponde ao desinvestimento libidinal dos objetos do mundo, as manifestações sintomatológicas secundárias correspondem à tentativa – nem sempre bem sucedida, diga-se de passagem – de recuperação de tais vínculos, ainda que ao preço de um novo mundo delirante. É então, uma volta à vida ou, como correntemente se diz, um trabalho de cura.

Em outros textos de Freud, este mesmo conjunto de idéias é antecipado, endossado, parafraseado ou ampliado. Assim, em *Novas observações sobre*

as neuropsicoses de defesa (1896a), a ênfase é posta sobre o "trabalho de pensamento" necessário tanto à adequação das idéias delirantes às exigências defensivas, quanto à coerência e à sistematização do delírio[2]. Mesmo antes, no texto anexo a uma carta de 1895 endereçada a Fliess, Freud já enfatizava o caráter defensivo do delírio e notava a sua importância subjetiva para o delirante ou, dito de outra forma, notava como, à custa de trabalho árduo, o psicótico procura recompor em unidade, pela via de constituição do delírio, as peças desconectadas de seu conjunto psíquico: "a *idéia delirante* é sustentada com a mesma energia com que o eu se defende de alguma outra idéia penosa e insuportável. Assim, *amam ao delírio como a si mesmos*" (Freud, 1895, pp.250-1).

Mais tarde, em *Totem e tabu* (1913), o trabalho de constituição de um delírio sistematizado – o "reordenamento do material psíquico" posterior ao sepultamento do mundo e do eu – é tomado como análogo à elaboração secundária nos sonhos[3].

Em *Introdução ao narcisismo* (1914), há a retomada do ponto de vista econômico, e também a assertiva de que a possibilidade de "recondução da libido ao objeto" corresponde a uma "tentativa de cura". O delírio seria, por assim dizer, o som produzido pelo retorno da libido aos objetos. Quando o alvo libidinal é o próprio eu, há o restabelecimento de um estado de narcisismo, neste caso secundário, do qual temos notícia pelo "delírio de grandeza" que lhe dá voz. Prossegue Freud: "Talvez, só depois de frustrado esse delírio de grandeza, a estase libidinal no interior do eu se torne patógena e provoque o processo de cura que surge como patologia" (Freud, 1914, p.83).

Já em *O Inconsciente* (1915), ao reconstituir os passos seguintes ao estado de narcisismo secundário, ou seja, as etapas formadoras de um possível retorno de investimento de objetos que não o próprio eu, Freud desdobra em dois os momentos em que a libido volta a se dirigir a eles:

2. Neste texto, Freud aproxima este "trabalho de pensamento" ao elemento psicopatológico clássico chamado "delírio de interpretação". Em outro escrito do mesmo ano – Manuscrito K. As neuroses de defesa (um conto de Natal) – ele se refere a este trabalho de construção delirante como "delírio de assimilação".

3. Diz Freud: "A elaboração secundária do produto do trabalho do sonho é um excelente exemplo da natureza e dos requisitos de um sistema. Uma função intelectual dentro de nós exige, de todo material provindo da percepção ou do pensar, a unificação, a conectividade e a inteligibilidade e não hesita em estabelecer um nexo incorreto quando, em função de circunstâncias particulares, não pode assentir o correto. De tais formações de sistema, não temos notícia somente pelos sonhos, mas também (...) nas modalidades de delírio" (Freud, 1913, p.98).

> O investimento da representação-palavra não é parte do ato de repressão, mas, ao contrário, constitui a primeira tentativa de restabelecimento ou de cura que tão chamativamente preside o quadro clínico da esquizofrenia. Estes empenhos pretendem reconquistar o objeto perdido, e pode ser que com esse propósito empreendam o caminho até o objeto, passando por seu componente de palavra, ainda que devendo conformar-se depois com as palavras no lugar de coisas (Freud, 1915, p.200).

Do ponto de vista classificatório, a cada acréscimo ou modificação metapsicológica, se seguia uma revisão do local ocupado pelas psicoses na rede nosológica proposta por Freud. Assim, o estabelecimento dos conceitos de defesa e de narcisismo implicaram na criação de dois grupos de categorias classificatórias reconhecidas como pertencentes ao campo das psicoses: respectivamente, as neuropsicoses de defesa nos anos 1894-6, e as neuroses narcísicas nos anos 1911-4.

A partir de 1923, com a criação da segunda tópica do aparelho psíquico, as psicoses são definidas e reunidas em um grupo que corresponde, grosso modo, ao que dispomos como registro atual de uma estrutura desse tipo. Nesse momento do texto freudiano, se uma psicose corresponderia "ao conflito entre o eu e o mundo exterior", um delírio poderia ser confirmado como "uma emenda colocada no lugar onde originariamente se produziu o desenlace entre o eu e o mundo exterior" (Freud, 1924a, p.157). Na psicose, o rompimento do eu com uma parte da realidade implicaria em uma perda, da qual o sujeito buscará se ressarcir. Este ressarcimento, contudo, não se dará às custas de uma limitação dos influxos do id – caso da neurose – mas "por outro caminho mais soberano: pela criação de uma realidade nova" (Freud, 1924b, pp.194-5). Como nota Lacan, "o problema não é o da perda da realidade, mas o expediente daquilo que vem substituí-la" (Lacan, 1998, p.549).

De algum modo, Freud bebia na fonte da psiquiatria de sua época ao recolher, na definição dada por Kraepelin para "demência precoce", a distinção hierárquica entre os assim chamados sintomas fundamentais – alterações do afeto, da vontade e do pensamento – e os sintomas secundários, dentre os quais estariam os delírios (Bercherie, 1989). A percepção de que a atividade delirante é uma espécie de segundo tempo da psicose já estava sugerida pela observação psicopatológica cuidadosa e pelo modo de montagem dos sintomas da psicose presentes no Tratado de Kraepelin. Todavia, Freud foi absolutamente original ao afirmar que o delírio não só é posterior aos primeiros momentos de desencadeamento do surto, como

já significa um trabalho de restituição do eu e de um mundo em que se possa voltar a viver.

Se há em Freud indicações preciosas e diretas da função e importância do delírio na psicose em geral, e para o restabelecimento de Schreber em particular, o mesmo não se pode dizer das razões pelas quais este último escreveu as suas experiências antes e depois das internações e, mais do que isso, porque afinal se interessou em publicá-las.

Escrever as *Memórias*

Ao tentar compreender o que teria levado Schreber a escrever, parece acertado conceder a palavra a quem escreve:

> Considerando que tomei a decisão de, em um futuro próximo, solicitar minha saída do sanatório para voltar a viver entre pessoas civilizadas e na comunhão do lar com minha esposa, torna-se necessário fornecer às pessoas que vão constituir meu círculo de relações ao menos uma noção aproximada de minhas concepções religiosas, para que elas possam, senão compreender plenamente as aparentes estranhezas de minha conduta, ter ao menos uma idéia da necessidade que me impõe tais estranhezas.
> É a este objetivo que deve servir o texto que se segue, com o qual tentarei expor às outras pessoas, de maneira ao menos inteligível, as coisas supra-sensíveis cujo conhecimento me foi revelado há cerca de seis anos (Schreber, 1995, p.29).

Este trecho da introdução feita por Schreber para as suas *Memórias de um doente dos nervos* (1903), além de fornecer uma parte dos motivos pelos quais ele resolveu se lançar a essa tarefa, apresenta ao leitor o tom no qual se expressa. Quanto ao referido tom, têm-se mesmo a impressão de que há uma distância considerável entre aquele que escreve e aquele outro que experimentou, na própria pele, tudo o que vai sendo descrito minuciosamente nas numerosas páginas do escrito. Talvez não seja realmente mais o mesmo e, entre a experiência psicótica primeira e a redação de seu sistema delirante, como disse Lacan, "somos livres para nos hipnotizar neste ponto, e para pensar que perdemos o melhor" (1985, p.138). Mas o magnetismo que pode eventualmente exercer este "vivido inefável e incomunicável da psicose em seu período primário" não é muito útil quando se trata de pensar o evento psicótico. Temos, é certo, a noção de que há algo anterior ao delírio e, também, a de que o **delírio propriamente dito** dista algo do delírio, digamos, **literalmente dito**.

Mas o que temos em mãos – o que, na verdade, sempre teremos em mãos diante de quadros psicóticos – é o discurso, falado ou escrito, em

referência àquilo que teria sido experimentado. E, nesse sentido, o que Schreber menciona é isso: escrevo para que as pessoas "tenham uma certa idéia do que passei".

Sabemos, ainda, de sua expectativa de que o texto das *Memórias* pudesse ser útil tanto como instrumento jurídico de auxílio a sua saída do sanatório, quanto como em todo processo de recuperação de seus direitos cívicos. Mais longinquamente, Schreber tinha também a expectativa de que o texto pudesse ser útil como documento único e excepcional na elucidação de questões profundas sobre Deus, sobre os homens e sobre o funcionamento do mundo.

Todavia, tais expectativas somadas ao desejo de relatar aos próximos o tipo de experiência que teve, não parecem ter constituído o único benefício obtido por Schreber durante e após a redação de seu livro. A pista para a compreensão da outra série de ganhos possíveis implicados no ato de escrever está no tom distanciado, formal, quase acadêmico adotado por ele; tom esse que permite impressões tais como a de que "Schreber transforma em psiquiatra qualquer leitor" (O. Mannoni, 1973, p.80).

Mas há uma nuance importante no estilo e tom de Schreber no livro: em momento nenhum ele recua no que diz respeito a ter sido ele mesmo alvo de todas as experiências descritas; contudo, do mesmo modo que recusa a alcunha de louco, recusa a autoria das vivências psicóticas mais ruidosas, especialmente, as alucinações escutadas na "língua fundamental". Então, embora ele reconheça que toda a gama fantástica de eventos se passou em seu corpo e em seu psiquismo, atribui tudo isso a coisas que vem de fora – raios, vozes, interferências diversas, tentativas de extermínio – o que autorizou Freud a formular a frase: "o que foi cancelado dentro, retorna do lado de fora" (Freud, 1911, p.66). Eis aí a espinha dorsal de toda compreensão do mecanismo de produção de sintomas na psicose; todo o seu enigma é o de "como fazer passar o interior para o exterior?" (Lacan. 1998, p.547). É esta mesma formulação de Freud que será retomada por Lacan em 1956, em termos similares – "alguma coisa que foi rejeitada do interior reaparece no exterior" – para a elaboração de sua primeira concepção do que seja a estrutura psicótica. Diz ele:

> O que é o fenômeno psicótico? É a emergência na realidade de uma significação enorme que não se parece com nada – e isso na medida em que não se pode ligá-la a nada, já que ela jamais entrou no sistema de simbolização – mas que pode, em certas condições, ameaçar todo o edifício (Lacan, 1985, p.102).

Schreber se explica aos leitores em função da presença no texto, primeiro de "um alemão algo arcaico, mas ainda vigoroso, que se caracteriza principalmente por uma grande riqueza de eufemismos" (Schreber, 1995, p.37), se desculpa pela presença de palavras chulas, que de modo algum faziam parte da polidez habitual de seu vocabulário, e nota que as palavras ditas na "língua fundamental" são bem diferentes das que ele utiliza para descrever as suas experiências. Como diz Lacan, ele "não se engana nesse particular, existem aí planos diferentes" (Lacan, 1985, p.43), isto é, há uma separação clara entre o tom distante e polido do texto de Schreber e o sabor peculiar e intenso do que é dito "de fora".

O que ganha, afinal, Schreber ao escrever?

Certamente ganha ainda mais do que o grito libertário, antipsiquiátrico *avant la lettre*, de "eu não sou louco em absoluto", notado por M. Mannoni (1970). O que ele demanda – e ser capaz de demandas já é algo na psicose – não restringe o que ele obtém. Em primeiro lugar, ele ganha aquela distância mínima da experiência delirante, distância necessária à elaboração retrospectiva que permite a sistematização do delírio. Nesse sentido, vale a analogia, uma experiência não muito distante de quando, diante de uma folha de papel em branco, nos surpreendemos com o rumo que o texto vai tomando e, moto-contínuo à surpresa, organizamos o pensamento de um modo que só o ato de escrever concede.

E, em segundo lugar, e aqui a experiência psicótica dista léguas da neurótica, ao transformar a sua experiência delirante em texto – em palavras sobre o papel, numa materialidade que lhe é própria – Schreber faz do delírio algo diferente dele. Naturalmente, ele está enredado no material do qual o delírio é feito; mas o ato de escrever, além de "organizar as idéias", torna um pouco mais clara para o psicótico a separação entre o vivido e aquilo que ele escreve, a nitidez e a corporeidade do texto escrito e o caráter exterior e Outro do que escutou na língua fundamental.

Publicar as *Memórias*

Contra tudo e contra todos, ao contrário de outros psicóticos que jamais conseguiram fazer os seus escritos chegarem a um círculo maior de pessoas, Schreber conseguiu publicar o seu livro. Diz ele:

> Ao começar este trabalho, ainda não pensava em uma publicação. A idéia só me ocorreu mais tarde. À medida que ele avançava. A esse respeito não deixei de levar em conta as objeções que parecem se opor a uma publicação: trata-se especialmente da consideração por algumas pessoas que ainda vivem. Por outro lado, creio que poderia ser valioso para a ciência e

> para o conhecimento de verdades religiosas possibilitar, ainda durante a minha vida, quaisquer observações da parte de profissionais sobre meu corpo e meu destino pessoal. Diante dessa ponderação, deve calar-se qualquer escrúpulo de ordem pessoal (Schreber, 1995, p.23).

Se na psicose há uma função em delirar e em escrever, há razões também para a publicação do escrito[4].

Primeiro, ter o trabalho publicado confere um lugar social àquele que publica. Há a ocupação de uma posição em uma rede de relações e, o ato de publicar, ajusta as distâncias entre o eu e os objetos, estabelecendo algumas balizas de referência que possibilitam ao psicótico algum sentido de estabilidade.

Segundo, a publicação é uma oportunidade de socialização do delírio. Ao discorrer sobre a prática de apresentação de doentes – uma ocasião na qual torna-se possível, guardadas as diferenças, dar publicidade à atividade e ao conteúdo delirantes –, Calligaris (1989) procura opor a uma apresentação com finalidade meramente didática, uma outra, na qual seja possível estabelecer uma conexão entre o momento de desencadeamento da crise psicótica e a tentativa de constituição de uma metáfora delirante que pudesse ocupar o vazio deixado pela ausência de metáfora paterna.

E, *last but not least*, **publicar torna autor aquele que delira**. Tornado autor, o delirante dá individualidade e autonomia à história de constituição do seu delírio. Uma vez escrita e publicada, esta história não pertence mais a ele, mas aos seus leitores, que farão dela a leitura que puderem. Sobre um livro e seus "duplos", diz Foucault:

> Gostaria que um livro, pelo menos da parte de quem o escreveu, nada fosse além de frases de que é feito (...). Gostaria que esse objeto-evento, quase imperceptível entre tantos outros, se recopiasse. Se fragmentasse, se repetisse, se simulasse, se desdobrasse, desaparecesse enfim sem que aquele a quem aconteceu escrevê-lo pudesse alguma vez reivindicar o direito de ser seu senhor, de impor o que queria dizer, ou dizer o que o livro devia ser (Foucault, 1978, p.viii).

É desse modo que Freud encontra o livro de Schreber, trazendo-o mais uma vez à luz, no mesmo ano em que seu autor falece.

Schreber, por sua vez, "se beneficia, da maneira mais banal, daquilo de que todos os autores se beneficiam: de uma mudança de posição" (O. Mannoni,

4. Em outro trabalho (Cerdeira & Gutman, 2006), estudamos uma situação clínica na qual o circuito delirar-escrever-publicar respeitava uma lógica um pouco diferente. Contudo, tanto quanto aqui, o "escrito" e o "publicado" tinham valores e importâncias diferenciadas na dinâmica da psicose em questão.

1973, p.81). Se há algo brilhante em seu livro, é a demonstração de como se separam e se entrelaçam o sujeito e o inconsciente; se há algo propriamente literário em suas *Memórias*, é fazer-nos perceber que, na mesma medida em que é autor de seu texto, é falado na língua do Outro.

Guilherme Gutman
Rua Visconde de Pirajá, 82 / s.704.
Ipanema - Rio de Janeiro – RJ
CEP 22410-000
Tel. (21) 25238344
e-mail: guilhermegutman@gmail.com

Referências

BERCHERIE, Paul. *Os fundamentos da clínica:* história e estrutura do saber psiquiátrico. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

CALLIGARIS. Contardo. *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

CERDEIRA, Adriana; GUTMAN, Guilherme. Hóspedes e peregrinos: duas montagens subjetivas na psicose. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 9, n. 4, p. 668-675, 2006.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na idade clássica.* São Paulo: Perspectiva, 1978.

FREUD, Sigmund (1895). *Manuscrito H. Paranoia*. Buenos Aires: Amorrortu, 1994. p. 246-252. (Obras completas, 1).

_____. (1896a). *Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa*. Buenos Aires, Amorrortu, 1992. p. 157-184. (Obras completas, 3).

_____.(1896b). *Manuscrito K. Las neurosis de defensa. (Um cuento de Navidad)*. Buenos Aires, Amorrortu, 1994. p. 260-269. (Obras completas, 1).

_____.(1911). *Puntualizaciones psicoanalíticas sobre um caso de paranóia (Dementia paranoides) descrito autobiográficamente*. Buenos Aires, Amorrortu, 1993. p. 1-76. (Obras completas, 12).

_____.(1913). *Totem y tabú. Algunas concordâncias em la vida anímica de los salvajes y de los neuróticos*. Buenos Aires, Amorrortu, 1993. p. 1-164. (Obras completas, 13).

_____.(1914). *Introducción del narcisismo*. Buenos Aires, Amorrortu, 1993. p. 65-134. (Obras completas, 14).

_____.(1915). *Lo inconciente*. Buenos Aires, Amorrortu, 1993. p. 153-213. (Obras completas, 14).

_____.(1924a). *Neurosis y psicosis*. Buenos Aires, Amorrortu, 1993. p. 151-159. (Obras completas, 19).

_____.(1924b) *La pérdida de realidad en la neurosis y la psicosis*. Buenos Aires, Amorrortu, 1993. p. 189-197. (Obras completas, 19).

LACAN, Jacques. *O Seminário. livro III:* as psicoses (1955-1956*)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MANNONI, Maud. *Le psychiatre son "fou" et la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1970.

MANNONI, Octave. *Chaves para o imaginário*. Petrópolis: Vozes, 1973.

SCHREBER, Daniel P. *Memórias de um doente dos nervos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

Trabalho recebido em 27 de julho de 2007
Aceito para publicação em 02 de setembro de 2007